



3050 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

MICROPOLÍTICA LGBT: RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.
José Valdeinei Albuquerque Miranda - UFPA - Universidade Federal do Pará
Elieilma do Socorro Lobo dos Santos - UFPA - Universidade Federal do Pará

MICROPOLÍTICA LGBT: RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo discutir a micropolítica do Grupo LGBT de Igarapé-Miri/PA e suas conexões com a educação básica. Utiliza as pistas cartográficas para observação de campo e acompanhamento das ações socioeducativas do referido Grupo no contexto escolar. Desse modo, cartografamos diálogos e debates, tecidos com alunos da Educação Básica, durante a intervenção escolar 2017, realizada pelo Grupo LGBT. Sua perspectiva teórica dialoga com autores-interlocutores como: Gilles Deleuze e Félix Guattari, Guacira Louro, Berenice Bento e Richard Miskolci. Na perspectiva micropolítica, inventar novas modalidades de intervenção e desdobrar instigantes práticas educativas implicam em pensar um aprender-educar transgressor por meio das micro-resistências dos sujeitos LGBT no espaço escolar e para além dele enquanto espaço formativo. Nesse registro, pensar uma educação *menor*, inscrita em uma micropolítica, permite a emergência e a afirmação de novos saberes insurgentes e instigantes posicionamentos que tencionam a tentativa de controle, assujeitamento e normalização das questões de gênero e sexualidade na escola básica.

Palavras-chave: Educação. Micropolítica LGBT. Gênero. Ações Socioeducativas.

MICROPOLÍTICA LGBT: RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo discutir a micropolítica do Grupo LGBT de Igarapé-Miri/PA e suas conexões com a educação básica. Utiliza as pistas cartográficas para observação de campo e acompanhamento das ações socioeducativas do referido Grupo no contexto escolar. Desse modo, cartografamos diálogos e debates, tecidos com alunos da Educação Básica, durante a intervenção escolar 2017, realizada pelo Grupo LGBT. Sua perspectiva teórica dialoga com autores-interlocutores como: Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996, 2010), Guacira Louro (2000), Berenice Bento (2011) e Richard Miskolci (2012). Na perspectiva micropolítica, inventar novas modalidades de intervenção e desdobrar instigantes práticas educativas implicam em pensar um aprender-educar transgressor por meio das micro-resistências dos sujeitos LGBT no espaço escolar e para além dele enquanto espaço formativo. Nesse registro, pensar uma educação *menor*, inscrita em uma micropolítica, permite a emergência e a afirmação de novos saberes insurgentes e instigantes posicionamentos que tencionam a tentativa de controle, assujeitamento e normalização das questões de gênero e sexualidade na escola básica.

Palavras-chave: Educação. Micropolítica LGBT. Gênero. Ações Socioeducativas.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a discutir uma micropolítica LGBT e sua conexão com uma educação para as relações de gênero construída através das ações socioeducativas desenvolvidas pelo Grupo LGBT de Igarapé-Miri no interior das escolas públicas de educação básica. A construção da problemática desta pesquisa se deu por meio da emergência do Grupo LGBT de Igarapé-Miri/PA, levando em consideração os processos formativos atravessados por reivindicação de direitos voltados à livre expressão da sexualidade, desdobradas em ações socioeducativas sobre relações de gênero na escola.

Para a realização desta pesquisa, utilizaremos as pistas cartográficas envolvendo observação de campo e acompanhamento de processos junto aos participantes do Grupo. Como procedimento para a construção do estudo, foram descritos e analisados os acompanhamentos dos percursos do movimento LGBT no tocante às intervenções em duas escolas estaduais do município de Igarapé-Miri/PA, bem como registros fotográficos. Acompanhar as ações que envolve a micropolítica do movimento LGBT nos permitiu pensar uma educação para as relações de Gênero na perspectiva da diferença e da construção de um olhar minoritário. Para Sílvia Gallo (2002) uma educação *menor* resiste às formas de dominação e assujeitamento, uma vez que "os movimentos moleculares não vêm mais completar, mas contrariar e furar a grande organização mundial" (DELEUZE E GUATTARI, 1996 p. 86), criar-se no encontro, no inesperado, para assim quebrar as regras que enrijecem as práticas educacionais, uma vez que estas são regidas por um currículo oculto às questões de gênero e sexualidade.

Cabe ressaltar algumas das problematizações que envolvem esta analítica, como forma de situar o/a leitor/a por onde irá percorrer o presente trabalho: Como se tecem as conexões socioeducativas entre a micropolítica LGBT e o espaço escolar? De que modo podemos instigar a potencialidade do papel docente em promover e intensificar debates a respeito das relações de gênero e sexualidade no âmbito escolar? Que propostas socioeducativas e intervenções vêm sendo mobilizadas pelo Grupo para se construir uma educação para as relações de gênero? Como educar para as relações de gênero na perspectiva da diferença e de uma educação *menor*? Cabe destacar que estas questões estão interligadas com recorte analítico da experiência de campo extraída durante o acompanhamento da ação escolar realizada pelo Grupo, em dezembro de 2017.

O Grupo LGBT de Igarapé-Miri surge, em 2001, como uma luta política de resistência, tendo como referência o movimento LGBT do Estado do Pará, contudo é apenas no ano de 2008 que o grupo passa a agregar outros segmentos como de Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travesti, e além da obtenção e conquista do seu reconhecimento jurídico.

O Grupo LGBT fissa o espaço da escola e nele quebra a heteronormatividade e produzindo uma intervenção que desestabiliza e traz outro habitar no solo domesticador da escola que ensina dominar os corpos, enrijecer o pensamento e docilizar mentes por meio de práticas disciplinares e internalização de uma moral heteronormativa. Os sujeitos LGBT, no espaço escola, agitam as tramas lineares da moral conservadora produzindo nela ressonâncias de micro-resistências de enfrentamento. Tal enfrentamento produz embate à heteronormatividade e mobiliza demandas antes ainda não

pensadas, silenciadas e invisibilizadas no cenário escolar.

Trata-se da organização de um Grupo que por mais que a questão de classe esteja presente no interior do movimento, a ênfase na liberdade do sujeito viver a sua sexualidade de diferentes modos faz com que as lutas e os enfrentamentos do Grupo, não se restrinjam à categoria de classe. Esse novo modo de organização social, nos permite pensar em construções de micropolíticas da diferença a partir de questões de gênero e sexualidade por outras perspectivas e construir outras políticas e práticas de enfrentamento e resistência contra o preconceito e discriminação a partir do viés educacional.

Nessa perspectiva, pensar em uma educação menor que se produz no plano micropolítico da diferença pressupõe perceber os deslocamentos e atravessamentos das linhas de fuga do Grupo LGBT de Igarapé-Miri/PA. Assim, as movimentações cartográficas produzidas nesse texto permitem perceber as micro-resistências por meio das novas alianças e novas possibilidades de relação estabelecidas entre movimento e escola.

2. COMPANHIAS TEÓRICAS E AÇÕES LGBT SOCIOEDUCATIVAS NA ESCOLA BÁSICA

O presente trabalho transcorre a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1996), Berenice Bento (2011), Guacira Louro (2000), Sílvia Gallo (2002) e Richard Miskolci (2012), assim o presente trabalho percorreu as linhas investigativas das tramas da micropolítica LGBT e suas relações com os processos educativos a partir do método cartográfico. Em companhia de Deleuze (1996), percebe-se que o trabalho do cartógrafo consiste em capturar essas intensidades para tecer os pontos que compõe a presente pesquisa. Assim, este trabalho se propõe problematizar a discussão de uma educação *maior ou majoritária*, na perspectiva de pensar uma educação *menor*, mobilizada pelas questões de gênero e sexualidade.

A intervenção escolar ocorreu nos dias 11 e 12 de dezembro de 2017, em duas escolas da rede estadual de Ensino do município de Igarapé-Miri/PA, Enequina Sampaio de Melo e Manoel Antônio de Castro, respectivamente. A intervenção foi realizada por alguns integrantes do movimento LGBT de Igarapé-Miri/PA juntamente com a pesquisadora deste trabalho. Os discursos proferidos pelos referidos integrantes versaram sobre o dia mundial de combate à AIDS, destacando que a patologização tachada aos sujeitos LGBT, acaba por incitar e/ou acentuar a segregação social, o ódio e o preconceito. Além disso, foi abordado, brevemente, sobre a resistência, atuação e luta política do movimento LGBT em Igarapé-Miri/PA[1]. As intervenções culminaram na distribuição de materiais informativos, tem por objetivo esclarecer possíveis dúvidas quanto a diversas questões atreladas ao Movimento, além de cartazes, com mensagens que visam desconstruir os estigmas e estereótipos que recaem sobre a comunidade LGBT.

Fig.01 Intervenção escolar 2017

Fonte: Pesquisa de Campo.

Realizar intervenções sobre questões de Gênero que permitam repensar as relações escolares e construir novas propostas de um ensinar e aprender transgressor parecem estar implicados na produção de uma educação menor. As práticas menores em educação não condizem com uma educação rígida, instituída, entretanto se faz por vias de uma micropolítica de experimentação. Para tanto, buscamos as acepções de Sílvia Gallo (2002) a respeito de educação maior e educação menor.

Figura 03: Alunos auxiliando na fixação de cartazes.

Fonte: Pesquisa de campo.

A *educação maior* é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. Uma *educação menor* é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. (GALLO, 2002, p. 173, grifo nosso).

Nessa perspectiva, uma educação maior não corresponde pela sua dimensão e abrangência, mas antes se faz por um pensamento hegemônico, com fronteiras, de ordem social e sexual, minuciosamente demarcadas dentro da macroestrutura, enquanto que uma educação menor emite partículas de resistências nos espaços e saberes instaurados produzindo embates e enfrentamentos. A educação menor atua nas capilaridades dos padrões majoritários e através dos fluxos moleculares propõe novas possibilidades, microgestos, micro-subversões, micropolítica, de forma que a expressão "menor já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida)" (DELEUZE E GUATTARI, 2012 p. 41- 42).

Então, a insurreição das vozes desses sujeitos que, ao longo da história, foram silenciadas erguem novas possibilidades de intervenção, criação e resignificação do currículo por meio de uma micropolítica da diferença e de resistência que forja, questiona, estranha e revide frente uma educação *maior*. Trata-se de insurreições ao modo que Foucault (2006), enfatiza:

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. [...] Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (FOUCAULT, 2006 p. 97).

Essa nova possibilidade de um ensinar e aprender subversivo nos coloca diante de uma proposta empreendida por Miskolci (2012), a que ele denominou de "subalterna". Esta perspectiva de saberes subalternos reside em "uma política da diferença, o reconhecimento de quem é diferente para transformar a cultura hegemônica" (MISKOLCI, 2012, p. 50-51).

Figura 04: Alunos anexando fotos em murais

Fonte: Pesquisa de campo.

Assim, envoltos por um exercício de ativação dos saberes subalternos em reconhecer as diferenças, encerramos a ação, tanto no primeiro como no segundo dia, convocando os alunos que desejassem prestar auxílio para anexar os cartazes em murais e paredes das escolas, conforme pode ser observado nas imagens ora apresentadas.

Uma educação menor opera nas fissuras criando novas possibilidades, nas experiências do cotidiano, na sala de aula, fugindo às práticas de controle e reprodução "se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível [...] cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro-relações sociais" (GALLO, 2002, 175). Tais efeitos se fazem por meio de gestos de resistência ao instituído, que por sua vez não estão operando isoladamente, mas imbricados em muitos sujeitos. A educação menor evoca a produção de multiplicidade, conexões rizomáticas que se abrem à criação do novo, tal como nos indica Deleuze e Guattari (1996 p. 57) "formando estranhos devires novos, novas polivocidades [...] fazer rizoma por toda a parte". Assim, obtemos uma rede de emaranhado de linhas flexíveis e pontos arborescentes que se sobrepõe uns aos outros.

3. INTERVENÇÕES LGBT E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ESCOLA

Realizou-se uma pesquisa de caráter cartográfico, com o intuito de compreender de que maneira as práticas educacionais desenvolvidas pelo movimento, intervenção escolar 2017, sinaliza as possibilidades de um ensinar e aprender transgressor e *menor* na perspectiva de pensar uma educação *menor* mobilizada por questões de gênero e sexualidade. A intervenção escolar 2017 foi desenvolvida em dois dias com estudantes do Ensino médio em duas escolas estaduais de Igarapé-Miri/PA. A primeira intervenção foi executada na Escola Estadual Enedina Sampaio de Melo, em 11 de dezembro de 2017, no período vespertino. Neste primeiro de intervenção participaram alunos das turmas do 1º e 2º ano do Ensino médio.

O segundo dia de intervenção, 12 de dezembro de 2017, ocorreu na escola Manoel Antônio de Castro, no período matutino. Neste último dia de intervenção participaram alunos da turma do 3º ano. Assim os diálogos com os alunos participantes da intervenção ocorreram em dois momentos. O primeiro corresponde à interação ocorrida em sala de aula, culminando em um ato voluntário dos alunos em anexar os cartazes nas paredes e murais das escolas. O segundo momento diz respeito às entrevistas com dois alunos da Escola Enedina Sampaio de Melo e um aluno da Escola Manoel Antônio de Castro. As entrevistas discorreram sobre a percepção dos alunos sobre a intervenção escolar 2017. Para realizar a intervenção escolar 2017, contamos com seguintes materiais: Folders, cartazes, ambos disponibilizados pelo Governo Estadual e Rede Trans, além de câmera fotográfica para o registro da intervenção escolar 2017.

Passado alguns dias após a realização da ação, dialogamos com alguns alunos das duas instituições escolares, das quais foram contempladas com a ação, a respeito de suas concepções e possíveis resultados em torno da Intervenção escolar 2017. Assim, dois alunos da Escola Enedina Sampaio de Melo relataram que:

Foi muito legal a ação de vocês aqui na escola. Eu não sabia que aqui em Igarapé-Miri tem um movimento LGBT [...] eu acho que é muito importante eles irem na escola mostrar pra gente a sua luta porque a gente sabe que são pessoas que sofrem muito preconceito, principalmente aqui na escola, então acho legal ver eles se unindo pelos seus direitos. Outro dia vi no jornal que agora as pessoas Trans já podem votar com o nome que elas gostam de ser chamadas [nome social] (Aluno A, Entrevista em 08/03/2018).

Eu conheci o movimento através do nosso trabalho, aqui da escola, na Feira de Ciências Humanas [...] a gente entrevistou a Shaylla, que é presidente, aí ela contou muita coisa do movimento. Pra mim, todos nós devemos respeitar e valorizar essas pessoas pra acabar com o preconceito, e não se incomodar, deixar as pessoas serem o que quiserem. Eu queria que eles viessem mais vezes aqui na escola porque tem muita coisa que a gente tem dúvida, e os professores não conversam muito sobre isso com a gente (Aluno B, Entrevista em 08/03/2018).

O terceiro aluno entrevistado, estuda na Escola Manoel Antônio de Castro, destaca que desconhecia a organização do Grupo, em sua fala ressalta que:

Eu sempre assisto a parada LGBT aqui de Igarapé-Miri, acho bem legal. Aqui na cidade tem muitos gays, lésbicas e travestis, mas eu não sabia que eles fizeram um movimento. Eu, como aluna, gostaria de mais momentos como aquele que vocês fizeram lá na sala [de aula], porque eu vejo que quando as pessoas conversam sobre eles [sujeitos LGBT] é sempre rindo e fazendo piada, aqui na escola a gente ver muito. Mas no dia que vocês foram fazer ação, os alunos ficaram todos atentos prestando atenção [...] e depois que vocês foram embora todo mundo da sala ficou falando que gostou muito da ação (Aluno C, Entrevista em 09/03/2018).

As falas dos alunos demonstram o efeito positivo da ação escolar 2017. Tornou-se explícito que, em suas narrativas, o processo de aprendizagem viabiliza que aflore uma cultura do respeito, da valorização e reconhecimento. O último relato evidencia que a ação propiciou tocarmos em questões de gênero e sexualidade fora de um caráter cômico, de zombaria, mas em uma perspectiva de seriedade e comprometimento de que tais discussões necessitam ser debatidas nesses espaços escolares. Este aspecto, que por muitas vezes é enredado pelo humor, é enfatizado por Louro (2000, p. 19), pois "meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem".

Aos olhos da Coordenação do Grupo LGBT, a ação escolar 2017 se sobressaiu dentre as outras edições, pois pela primeira vez foi voltada para o público dos alunos do Ensino Médio, sendo que nas edições anteriores foram desenvolvidas apenas com alunos do Ensino Fundamental maior. Além do que a ação escolar promovida pelo Grupo põe em questão a possibilidade de repensarmos as práticas educacionais relativas a questões de gênero sob o prisma de uma proposta *queer* no âmbito da diferença, visto que "ao invés de ensinar e reproduzir a experiência da abjeção, o processo de aprendizado pode ser de ressignificação do estranho, do anormal como veículo de mudança social e abertura para o futuro" (MISKOLCI, 2012 p. 67).

Figura 02: Alunos posando com os cartazes

Fonte: Pesquisa de Campo.

Desse modo, nos instiga refletir sobre a potencialidade do papel docente em promover e intensificar debates a respeito das relações de gênero e sexualidade no âmbito escolar. (2002), o professor militante se faz a partir de uma perspectiva coletiva, que busca a produção da possibilidade do novo, longe de uma posição de neutralidade ou imparcialidade. Essas intervenções produzem aberturas para se pensar uma educação para as

relações de gênero e sexualidade no campo educacional, a partir de um pensamento crítico e criativo, incitando o estranhamento do que é tido como normal e natural.

Para Gallo “a literatura maior não se esforça por estabelecer elos, cadeias, agenciamentos, mas sim para desconectar os elos, para territorializar no sistema das tradições a qualquer preço e a toda força”, com tendência em homogeneizar os modos de viver, pensar e agir, além de reproduzir saberes convencionais, de modo que “para a literatura menor, o próprio ato de existir é um ato político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído” (2002, p. 172). Insinua, assim, que uma dinâmica educacional menor opera na ordem do inovar, criar, produzir o inabitual em sala de aula. Experimentar algo novo por meio de movimentos menores e linhas de fuga que perfuram os paradigmas de uma educação majoritária mantenedora do *status quo*.

As novas alianças estabelecidas entre Grupo LGBT e escola não acontecem por concepções convencionais, na ordem do legítimo e hegemônico para a sociedade, do olhar neutro, mas por vias de experimentações, visto que “toda essa cadeia e essa trama do poder mergulham num mundo que lhes escapa, mundo de fluxos mutantes. [...] O homem de poder não deixará de querer deter as linhas de fuga” (DELEUZE E GUATTARI, p. 102).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, uma micropolítica de um educar e ensinar transgressor atravessam as tramas políticas do movimento LGBT de Igarapé-Miri/PA, no tocante aos novos elos construídos no âmbito educacional. Desse modo, trata-se em compreender os processos sócio-político que atravessam o movimento sob o prisma de uma micropolítica que suscita micro-revolução, na aprendizagem para as diferenças que se tecem no processo de resistência, na pluralidade, no político do espaço escolar.

Construir uma zona de visibilidade enfatizando as micropolíticas da diferença, a partir de temáticas voltadas para questões da diferença, gênero e sexualidade assim como outros temas correlatos, no Grupo LGBT de Igarapé-Miri/PA e sua atuação política no espaço público da cidade e alianças com as instituições escolares, desencadeiam discussões que, por sua vez, têm ocupado uma significativa centralidade em diversas instâncias culturais e educacionais. Com isso, se objetiva trazer para o cenário acadêmico a história de luta de movimentos minoritários, visto que em um passado não muito distante, eram assuntos que pareciam distantes e ocultos nas pesquisas e discussões acadêmicas.

Assim, nosso papel intelectual se faz conjuntamente com os sujeitos participantes do movimento, na construção de novas formas de atuação política, a partir de um pensar crítico que permite dar a eles uma visibilidade. Um movimento do pensar que reconfigura o pesquisar em educação. Um comprometimento político e ético com o conhecimento que se produz, com a cidade, com as pessoas que são os sujeitos desse conhecimento, de modo que cada vez mais há uma necessidade em se tocar nessas questões de gênero de sexualidade, pois se a escola, em sua potência disruptiva, se nega para essas discussões, ela corrobora para o aumento de estigmas e estereótipos sobre as pessoas LGBT.

Este percurso de consolidação de luta política e construção epistemológica relacionada às questões de gênero vêm sendo construído gradativamente, uma vez que, atualmente as universidades apresentam um considerável avanço em relação às pesquisas referentes às questões de gênero e sexualidade, assim como sobre a atuação dos movimentos sociais que, certamente, estão ultrapassando os sindicatos e adentrando nas discussões universitárias e ganhando força nas pesquisas acadêmicas, especialmente no campo da ciência jurídica, saúde, psicologia, antropologia e educação.

Cabe ressaltar também a importância deste debate nas instituições escolares, no sentido de implantar iniciativas e propostas de intervenções no cruzamento de aprendizagem e criar nos espaços de formação, discussões sobre direitos humanos, oportunidades de fala dos diferentes sujeitos e de pensamento sensível e crítico no que diz respeito aos encontros e desencontros com a diferença, para que assim possamos construir, efetivamente, uma política da diferença e um convívio plural nos espaços escolares.

Observamos que as narrativas de nossos interlocutores e a Intervenção escolar 2017 evidenciam os impasses que a educação enfrenta ao lidar com a diferença, por ainda conter um pensamento restrito aos padrões identitários. Nessa perspectiva, eis o desafio de uma educação na/para/pela diferença: ressignificar as práticas educativas, por meio de movimentos moleculares que não permitem mais a integração de conhecimento imposta pela segmentariedade dura, entretanto, em um destes movimentos operem por perfuração nos segmentos molares reinventando-se pela possibilidade do novo, uma aprendizagem subversiva e transgressora. Por isso, é preciso estranhar as práticas educativas vigentes, para assim viabilizar uma educação por deslocamentos propondo um novo caminhar em direção à pluralidade.

Dessa maneira, pela micropolítica de resistência do Grupo LGBT de Igarapé-Miri podemos confrontar a perspectiva hegemônica de mundo, uma intervenção nos espaços escolares e para além da escola, que não sejam dominados por esses regimes de disciplinamento e enquadramento, para que se possa emergir a insurreição dos saberes por novas conexões criativas e fluxos de contestação. O combate, então, se tece na perspectiva da criação, intervenção e experimentação dos espaços plurais de convivência, de modo que a educação e a pesquisa nas universidades, permanentemente, mobilizem formação acadêmica instigante e criativa, além de práticas políticas coletivas em permanente diálogo com a educação básica.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto/2011, p. 548-559.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista** Revista Debate Feminista. México, ano 9 v. 18, out., 1998, p. 296-314. Disponível em: http://www.debatefeminista.cieg.unam.mx/wpcontent/uploads/2016/03/articulos/018_14.pdf. Acesso: 15/10/1017.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 1). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro: Ed. 34. (Coleção TRANS), 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 3). Tradução de Aurélio Guerra Neto et Alii. Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34. (Coleção TRANS),

1996.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 4). Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma Educação Menor**. Educação & Realidade. 27(2): 169-178 jul./dez. 2002.

_____. **Deleuze & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. (Pensadores & Educação 8), 2008.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**. *Estudos Feministas*, vol 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, Richard (Org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2012.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. **Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis**. *Gênero*, vol. 07, Niterói-RJ, UFF, 2007, p.257-267.

[1] Igarapé-Miri é um município brasileiro do Estado do Pará, seu nome tem origem indígena, Ygara = Canoa; Apé = caminho; Mirim = Pequeno - formando: Caminho de Canoa Pequena. O município localiza-se na região Nordeste Paraense, Microrregião do Baixo Tocantins às margens do rio Igarapé-Miri, limita-se ao norte com o Município de Abaetetuba, ao sul com o Município de Mocajuba, a Oeste com o Município de Limoeiro do Ajuru e a Leste com o Município de Cametá. Igarapé-Miri está situada cerca de 86 km da capital Belém.